



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina  
Brasil

Altmann, Helena

Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições

Revista Estudos Feministas, vol. 15, núm. 2, maio-agosto, 2007, pp. 333-356

Universidade Federal de Santa Catarina

Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38115204>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Helena Altmann  
Universidade Estadual de Campinas

## Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições

**Resumo:** Este artigo está baseado em uma pesquisa etnográfica desenvolvida em uma escola municipal do Rio de Janeiro, entre agosto de 2002 e julho de 2003. Ele analisa como as meninas idealizam sua primeira relação sexual e como a escola se refere a esse aspecto da vida dos/as jovens e intervém sobre isso. Essa passagem está envolta por uma série de preocupações e planejamentos, principalmente para as meninas, que demonstram valorizar menos a virgindade em si e mais a primeira relação sexual. No plano das intenções expressas, elas reproduzem os ensinamentos escolares, que prescrevem não só o uso de um preservativo, mas também certo tipo ideal de relação entre garotos e garotas. Diante disso, percebem-se alguns limites na intervenção escolar.

**Palavras-chave:** sexualidade; gênero; escola; Educação Sexual; adolescência.

Copyright © 2007 by Revista Estudos Feministas.

### Introdução

A sexualidade da juventude tem sido foco de atenção e cuidado. Preocupações sociais, demográficas e epidemiológicas sobre como jovens relacionam-se sexualmente justificam políticas públicas de implementação da Educação Sexual nas escolas.<sup>1</sup> Preocupado com a iniciação sexual, o Governo Federal já prevê a antecipação da Educação Sexual. Para o Ministério da Saúde, o público-alvo deixou de ser jovens de 13 aos 24 anos, devendo ser priorizada a faixa etária de 10 a 15 anos, “na qual o número de gestações não segue a tendência de queda do resto da população”.<sup>2</sup>

Discursos prescritivos de como jovens devam viver suas primeiras relações sexuais e de como devam se relacionar sexualmente não são difíceis de encontrar. No entanto, pouco se sabe sobre como jovens, nessa faixa etária, planejam essas experiências nas suas vidas. Neste

<sup>1</sup> Exemplo disso é a criação nos Parâmetros Curriculares Nacionais de um tema transversal de Educação Sexual, ali intitulado “Orientação Sexual” (BRASIL, 1998). Para uma análise desse documento, vide ALTMANN, 2001.

<sup>2</sup> Leila SUWWAN, 2005.

artigo, discutem-se as expectativas de meninas para a primeira relação sexual no contexto de um trabalho etnográfico realizado em escola pública, analisando-se como a educação sexual nesse espaço reitera um único modelo de entrada na sexualidade, não considerando a diversidade das experiências sexuais possíveis que os jovens possam ter. Busca-se identificar de que maneira as meninas entrevistadas, que, na sua maioria, ainda não tinham tido sua primeira relação sexual, planejavam essa experiência e seus relacionamentos afetivo-sexuais. Por fim, analisa-se como a escola, através de ações educativas, visualiza a maneira como jovens relacionam-se e vivenciam suas relações sexuais e busca intervir nessa realidade.

### **Caminhos da pesquisa**

Este artigo analisa dados de uma pesquisa etnográfica que buscou investigar como ocorre a construção social da educação sexual em uma escola municipal de ensino fundamental (5ª a 8ª série), situada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. O trabalho de campo foi desenvolvido entre agosto de 2002 e julho de 2003.

Essa escola tinha em torno de 360 alunos matriculados, divididos nos turnos da manhã e da tarde. Segundo informações do diretor, ela atende estudantes moradores predominantemente de favelas como Rocinha, Vidigal, Dona Marta e do bairro Horto – informações que conferem com dados obtidos nas fichas cadastrais dos estudantes.

Durante um ano, foram feitas observações de aulas de turmas de 7ª série do ensino fundamental, de reuniões do Núcleo de Adolescentes Multiplicadores (NAM), reuniões de professores/as e outros eventos promovidos pela escola. Assistiram-se a aulas de Português, Matemática, Geografia, História, Educação Física, Artes Plásticas, Inglês e Ciências – principal espaço em que se falava sobre sexualidade.

Naquela época, o NAM era o principal projeto de educação sexual na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Fora de seu horário de aula, alunos/as reuniam-se sob a coordenação de uma professora ou professor para tratar assuntos ligados à adolescência, sexualidade, drogas, entre outros. A proposta era de que esses adolescentes multiplicassem as informações recebidas dentro de suas escolas e na comunidade. Esse projeto estava ligado ao Núcleo de Educação Ambiental e Saúde da Secretaria Municipal de Educação (SME). Cabe pontuar que ele atingia um número bastante restrito de estudantes, pois, em 2002, das 1.036 escolas municipais do Rio de Janeiro, apenas 63 contavam com um Núcleo. Além disso, nem todos estudantes dessas escolas participam das atividades

desenvolvidas. Na escola pesquisada, o NAM era coordenado por uma professora de Ciências e o grupo chegou a contar com até 15 participantes.

Além das observações, foram feitas entrevistas com estudantes, professores/as de diferentes disciplinas, membros da direção e professoras de Ciências de outras escolas. Realizaram-se 23 entrevistas, das quais 13 com 30 alunas e alunos divididos em pequenos grupos. As entrevistas com as/os professores foram feitas individualmente.

Entre os/as entrevistados/as, havia participantes do NAM, bem como pessoas que nunca tinha participado dele e outras que tinham deixado de participar. A maioria dos/as entrevistados/as cursava a sétima série, no entanto, alguns/mas estavam na sexta e outros/as na oitava. Foram entrevistados 20 meninas e 10 meninos. Os/as entrevistados/as tinham entre 12 e 15 anos, sendo sua idade mediana de 14 anos. Os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios, tendo sido escolhidos por elas próprias por ocasião das entrevistas.

Apesar de a intenção inicial ter sido entrevistar um número equivalente de meninos e meninas, a disponibilidade delas para realizar as entrevistas foi bem maior do que entre eles.<sup>3</sup> Assim, em decorrência desse recorte nos dados, produzido pelo próprio trabalho de campo, este artigo analisa o tema da primeira relação sexual e dos projetos de relacionamento entre meninos e meninas, predominantemente a partir de uma perspectiva das meninas entrevistadas. Há poucos momentos nas entrevistas em que meninos falam sobre essa questão. Além disso, as entrevistas com os meninos giraram mais em torno de situações escolares e tocaram menos em questões mais pessoais. O fato de eu ser uma pesquisadora mulher parece ter criado uma situação mais favorável para que algumas meninas falassem sobre assuntos mais privados. Farei referência às falas dos meninos e ao que as meninas dizem sobre eles em momentos oportunos ao longo das análises. Além disso, são citados mais trechos das entrevistas do que dos diários de campo, uma vez que foi durante esses momentos que se conversou sobre as expectativas em relação à primeira relação sexual. Tais conversas não ocorriam em outros momentos do cotidiano escolar.

### **“Tipo de mulher”**

Durante um encontro do NAM, a turma conversava sobre as diferenças entre ficar e namorar. A polêmica na reunião se instalou quando Marcelo (13 anos) esbravejou: “Tem um monte de mulher aí que abre as pernas para qualquer um”.

<sup>3</sup> Essa questão foi objeto de análise em outro artigo (ALTMANN, 2003).

A discussão tornou-se acalorada: algumas meninas discordavam, outras concordavam integralmente e outras, parcialmente, pois “nem todas são assim”. Entre os meninos as opiniões eram semelhantes. Em certo momento, os homens que “correm atrás desse *tipo de mulher*” foram criticados.

Questão semelhante já fora ponto de debate no ano anterior durante um trabalho de multiplicação. Nessa ocasião, a professora conduziu um debate a partir de três diferentes situações de gravidez. Numa delas, um casal se conhecia numa festa, tinham uma relação sexual e, mais tarde, a menina se descobria grávida. Uma das perguntas formuladas pela professora durante o debate foi a seguinte: “É legal a menina conhecer o cara na primeira noite e ir para a cama com ele?”

Todo esse trabalho, inclusive essa pergunta, fora inspirado em uma proposta apresentada pelo Projeto Educação Ambiental e Saúde da Secretaria Municipal de Educação durante uma reunião de coordenadores do NAM. A pergunta sugerida no jornal desse órgão era “Como os jovens percebem a mulher que tem relações sexuais com um homem no primeiro encontro?”.<sup>4</sup>

Em ambas as situações – no jornal e na sala de aula –, essas questões não eram formuladas em relação aos meninos. Não existia a pergunta “Como os jovens percebem o homem que tem relações sexuais com uma mulher no primeiro encontro?”. Isso parecia não constituir um problema, algo passível de ser questionado. De modo semelhante, quando o menino criticou as “mulheres que abrem as pernas para qualquer um”, a possibilidade de homens terem um comportamento semelhante não foi nem mesmo cogitada; quanto muito, os homens foram criticados por se interessarem por esse ‘tipo de mulher’. Essa expressão demonstra que ter diversos parceiros sexuais é algo condenado para as mulheres, enquanto o mesmo não ocorre em relação aos homens. No máximo, são criticados por se relacionarem com mulheres que adotam esse comportamento. Já as suposições em torno do número de parceiros de uma mulher imprimem-lhe uma identidade; ela é classificada como um ‘tipo’, ‘tipo’ esse socialmente desvalorizado. Isso não ocorre em relação aos homens. É como se esse ‘tipo de homem’ não existisse, pois, quando esse comportamento é masculino, ele não é nomeado enquanto tal, a ponto de não ser nem mesmo cogitado ou problematizado. Em outras palavras, ter relações sexuais com várias pessoas não serve como mesmo critério de classificação masculino e feminino. Ao homem, isso não lhe imprime a mesma identidade como o faz em relação à mulher.

<sup>4</sup> AMBIENTE EM REDE, 2002, p. 3.

Apesar de não ter sido cogitado durante o encontro, esse comportamento atribuiria ao homem uma outra identidade, conforme apareceu em entrevistas. Aquele que tem várias parceiras poderia até ser valorizado, seja simplesmente porque isso é visto como “normal”, seja porque lhe garante experiência, afirma certa masculinidade, sendo assim motivo de admiração – e não de difamação como entre as meninas. São várias as falas que tratam sobre essas diferenças de gênero:

Se um homem transar com todo mundo, todo mundo acha que ele é um *machão*. Agora, se a garota transar com um e com outro, aí já é motivo de boato (Manfred, 14).

Pega mal (ter mais de uma paquera): “Ah, ela é uma *piranha*” (Katlin, 14).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Grifos meus.

Essa questão também foi identificada pela professora de Ciências Silvana:

ainda tem discriminação em relação à garota que fica com vários meninos. Eles podem, mas elas não podem. [...] O menino pode pegar várias garotas. Isso aí ainda é considerado como triunfo. Ela não. Se ela ficar com vários garotos ela é cachorra, ela é mal falada, ela é uma garota fácil.

A suposta ‘normalidade’ de como é visto um garoto se relacionar com várias garotas pode estar ligada a uma percepção social de que homens teriam “mais necessidade de sexo do que a mulher”, conforme observado também em outras pesquisas.<sup>6</sup> Essa percepção, difundida, segundo Tânia Salem, de modo quase unânime entre homens de camadas populares, demonstra os regimes sexuais diferenciados a que homens e mulheres estão submetidos.<sup>7</sup>

Uma pesquisa comparativa sobre a iniciação sexual de homens e mulheres no Rio de Janeiro e em Paris demonstra que, no Rio de Janeiro, há uma clivagem interna da iniciação amorosa masculina, que separa estritamente aprendizagem sexual, aspirações sentimentais e desejo de formar um casal. Uma manifestação disso é a tendência dos homens, não só das camadas populares, de transpor essa clivagem para as mulheres, classificando-as segundo os usos que pudessem ter delas. Essas classificações são mutuamente excludentes: “mulheres fáceis” perdem a honra por não serem mais virgens e por estarem disponíveis a relações sexuais sem compromisso, enquanto as “mulheres sérias” ou “mulheres de família” podem e devem namorar oficialmente e, eventualmente, casar. Afirmam os autores:

A característica essencial dessas categorizações masculinas é que elas não têm equivalente entre as

<sup>6</sup> Wilza VILLELA e Regina BARBOSA, 1996.

<sup>7</sup> Tânia SALEM, 2004. Essa pesquisa sobre representações de homens de classe popular sobre as sexualidades masculina e feminina e a relação entre gêneros teve por base 41 depoimentos masculinos retirados da Pesquisa GRAVAD (Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil), coletados através de entrevistas em 2000 nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre.

<sup>8</sup> Michel BOZON e Maria Luiza HEILBORN, 2001, p. 131.

<sup>9</sup> Cristiane CABRAL, 2002. Nessa pesquisa, foram feitas entrevistas com 15 jovens pais e 14 mães de jovens pais moradores de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> A idade mediana da iniciação sexual no Brasil, segundo dados da pesquisa GRAVAD, é de 16,2 anos para os rapazes e de 17,9 anos para as moças. Essa pesquisa multicêntrica aplicou 4.634 questionários a jovens de três capitais: Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador (Stela AQUINO, Maria Luiza HEILBORN, Daniela KNAUTH, Michel BOZON, Maria da Conceição ALMEIDA, Jenny ARAÚJO e Greice MENEZES, 2003).

mulheres, as quais não classificam os homens segundo seu comportamento sexual. Essa dissimetria provém do fato de as mulheres não fazerem uso tão diferenciado dos homens em matéria amorosa, em razão de sua representação mais global do amor e do fato de classificarem os homens sobretudo em termos de papel social.<sup>8</sup>

Apesar de esses autores terem entrevistado homens e mulheres entre 25 e 40 anos, ou seja, uma faixa etária bem mais elevada do que os jovens desta pesquisa, uma categorização semelhante das meninas já era colocada em funcionamento na escola, enquanto o mesmo não era feito em relação aos meninos. Categorizações similares também foram observadas em outra pesquisa desenvolvida com jovens em favelas cariocas.<sup>9</sup>

Os relatos das entrevistas e os debates traçados em sala de aula também permitem perceber a divergência de opiniões em relação a esses regimes sexuais diferenciados por gênero. Nem todos/as se posicionam da mesma maneira a esse respeito. De qualquer modo, constatar ou criticar tal mecanismo não impedia o seu funcionamento.

Na maneira como as questões são enunciadas, as falas são sempre sobre os 'outros' e não sobre suas próprias experiências – até porque a maior parte desses jovens ainda não tinha entrado na sexualidade adulta, no sentido de ter vivido sua primeira experiência sexual.<sup>10</sup> Semelhantemente, as opiniões expressas seriam também dos 'outros'. Na maneira como o tema é exposto, são 'os outros e as outras' que são avaliados 'pelos outros' por suas relações afetivas ou sexuais. Suas próprias experiências não são cogitadas, e quando expressam sua própria opinião nas entrevistas sobre esse tema acabam geralmente assumindo uma posição 'politicamente correta', que reivindica uma igualdade entre homens e mulheres, igualdade essa que admitem não operar socialmente: "O homem pode transar com quem quiser que o pai ainda se orgulha. Agora, se for uma menina, tem aquele chororó, aquele drama. Eu acho que devia ser direitos iguais, meninos e meninas" (Manfred).

A mesma pessoa que identifica e critica essa 'diferença de direitos' pode, em outro momento, colocá-la em funcionamento. Em certo momento da entrevista, Júlia (14) comentou, com tom crítico, que "O garoto sair com três garotas é normal. Agora, a garota sair com três garotos já pega a maior fama". Noutro momento, ela assim se referiu a uma colega de sala: "E tem uma garota assim, de oito garotos com quem ela saiu, cinco ela transou. Ela faz sexo com a boca em todos eles".

## Circulação de informações e a necessidade de preservar-se

Tem uma garota na nossa sala que não é virgem. A do cabelo preto (Ana Beatriz, 13).

A Paula falou que não é mais virgem. Já fumou (Hugo, 14).

A única sem cabaça na nossa sala é a Paula (Leandra, 13).<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Na época em que disse isso, apesar de ninguém saber, Leandro já estava grávida.

Essas frases, incluindo a última citada no item anterior, foram proferidas por colegas de turma de Paula (14) durante a realização de diferentes entrevistas. Muito embora nenhuma pergunta sobre a conduta sexual dos/as estudantes tenha sido feita, a de Paula era recorrentemente trazida à tona. A principal questão suscitada a seu respeito era o fato de ela não ser mais virgem, o que era associado a outras supostas atitudes: ela se masturbaria, faria sexo oral, já teria fumado e boatos diziam que seria "lésbica".

<sup>12</sup> Preocupações com a difusão desse tipo de informação também foram observadas por Mary Garcia CASTRO, Miriam ABRAMOVAY e Lorena Bernadete da SILVA, 2004; BOZON e HEILBORN, 2001, entre outros.

A repercussão social da perda da virgindade era motivo de preocupação para as jovens.<sup>12</sup> O ocorrido poderia ser disseminado pelas próprias amigas, pois, segundo Katlin (14), ela poderia contar para uma, que contaria para outra e assim sucessivamente. No entanto, o risco maior estava em o garoto comunicar aos colegas. Comentou Katlin: "Os garotos se acham o máximo, se sentem o máximo. 'Eu peguei aquela, eu peguei aquela.' Falam assim na sala". Essa atitude masculina parece ligada ao fato de que a aquisição de um novo status com a concretização desse rito de passagem envolve, no caso dos homens, uma comunicação aos pares.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> BOZON e HEILBORN, 2001.

Outro receio das meninas era de que a perda da virgindade se revelaria através de mudanças físicas no corpo. Essa hipótese foi levantada em uma reunião do NAM. Meninas e meninos argumentavam que, olhando para uma garota, era possível perceber se ela já tinha tido sua primeira relação sexual, pois o corpo se modificava, os quadris ficavam mais largos, ela ficava mais desinibida, entre outras características. O mesmo era imaginado em relação a homens homossexuais, mas nunca cogitado em relação a homens heterossexuais. Um garoto contou sobre alguém no seu bairro que era "bicha, bicha mesmo" e que estaria com "a bunda maior" desde que tinha arrumado um namorado. A professora desmentiu essas idéias, dizendo que mudanças no corpo de adolescentes eram provenientes de alterações hormonais e não decorrentes do fato de a pessoa ter ou não relações sexuais. Mesmo assim, nem todos pareciam plenamente convencidos.



<sup>14</sup> BOZON, 2004.

Michel Bozon<sup>14</sup> fala sobre uma nova normatividade das condutas sexuais: nas últimas décadas, observa-se uma passagem de uma sexualidade estruturada através de controles e disciplinas externas aos indivíduos a uma sexualidade organizada através de disciplinas internas. Nos exemplos citados na escola, observa-se que as normas que estabelecem a entrada na vida sexual adulta são diferenciadas para meninos e meninas, sendo justamente certo descompasso entre elas que coloca a menina numa posição 'complicada'.

Segundo as meninas, por ser algo valorizado para e pelos garotos, eles tornam públicas suas relações sexuais, divulgando assim também o nome da menina. Ao contrário do menino, isso poderá ser um problema para a reputação dessa menina. Os comentários sobre Paula que circularam na entrevista demonstram não ser infundada essa preocupação. Sua 'reputação' era tratada com tamanha gravidade que, em alguns momentos, agiam como se não pudessem revelar sobre quem falavam, chamando-a, por exemplo, "a menina de cabelo preto". Ninguém citou algum menino que tivesse algum comportamento semelhante.

A própria Paula, sobre quem circulavam as fofocas, também estava ciente desse problema, como aparece nessa sua conversa com Pâmela (13):

Paula: Tem muito menino que *transa com você para mostrar para os seus amigos: "transei com ela"*.

Pâmela: Outros meninos têm orgulho de *exibir aquela garota*. Sabe que aquela menina não é tocada por qualquer garoto, não namora com qualquer garoto, não fica com qualquer garoto. Por exemplo, eu gosto muito de namorar. Eu nunca fiquei assim. Teve uma vez só na minha vida que eu só fiquei. E foi uma vez só e nunca mais. Eu sempre gostei de namorar. Os garotos que namoram comigo, *eles têm orgulho de passar comigo na rua*. E todo mundo vê, lá onde eu moro. As pessoas que namoraram comigo têm orgulho!<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Grifos meus.

Pâmela parece dirigir sua fala diretamente para Paula, explicitando, mesmo que indiretamente, distinções em relação a como imagina os relacionamentos da colega. No entanto, o que é mais forte na sua fala é a posição de objeto na qual ela se coloca. Nesse aspecto, ela em nada se diferencia do que ela quer se distinguir. Tanto ela, que namora, quanto as garotas que ficam são triunfos masculinos. Se, na situação à qual Paula faz referência, o menino transa com a garota para mostrar aos seus amigos, na segunda situação, Pâmela descreve o namoro com o mesmo objetivo: o garoto exibe sua garota como se fosse sua propriedade, que não é tocada por

qualquer um e com a qual ele tem orgulho de passar na rua. A própria estrutura gramatical das frases formuladas por Pâmela demonstram essa situação: o garoto é sempre o sujeito das orações e a garota o objeto. Ele exhibe, toca, namora, tem orgulho. Ela é exibida, é tocada, é motivo de orgulho. O orgulho de Pâmela está em ser motivo de orgulho para seu namorado.

Igualmente, a fala de Pâmela demonstra uma preocupação em se preservar para um namorado, motivo pelo qual ela evita relacionamentos do tipo “ficar”. Cabe salientar que nesses relacionamentos, aos quais elas se referem, ainda não está implícita a existência de relações sexuais – Pâmela contou na entrevista seus planos para a sua ‘primeira vez’. Apesar disso, ela coloca em funcionamento certa moral da reserva. Essa moral se distingue, na maioria dos casos, da idéia de se reservar ao futuro marido e ter relações sexuais apenas após o casamento,<sup>16</sup> apresentando hoje mecanismos distintos de funcionamento.

<sup>16</sup> Uma menina, cuja família frequenta a Igreja Universal, afirmou que pretendia casar virgem. A menina que fazia entrevista com ela concordou, referindo-se ao fato de sua mãe ter casado virgem.

A profunda reorganização das normas da passagem à sexualidade adulta nas últimas décadas não constitui uma “liberação” no sentido estrito. É bem verdade que a primeira relação não é mais ligada ao casamento, que se tornou uma passagem tardia e, de qualquer forma, facultativa. Mas a temporalidade da passagem ao ato está atualmente ligada, por um lado, a uma norma de grupo de idade (o momento em que os colegas ou amigos a realizam) e, por outro, a uma norma relacional: a primeira relação sexual acontece hoje em dia bastante cedo na história de um relacionamento, pouco tempo depois de os parceiros se encontrarem. Ela é o lance inicial de um casal informal: é a experiência da sexualidade – e não mais a reserva sexual – que é considerada produtora de vínculo e de conhecimento do outro e de si mesmo.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> BOZON, 2004, p. 127.

A emergência de um ‘ideal da primeira relação’ é típica desse quadro de recomposição das normas que afetam a primeira relação sexual, afirma o pesquisador. Segundo esse ideal, a primeira relação deveria ocorrer dentro de um relacionamento amoroso escolhido, contribuindo para confirmar a capacidade do indivíduo para travar um relacionamento. Essa seria uma versão transformada de uma norma mais antiga, segundo a qual a primeira relação sexual deveria se dar com o grande amor ou com o cônjuge. O poder dessa percepção é mais estruturante entre as mulheres:

no caso de uma relação sexual precipitada com um parceiro eventual, as mulheres exprimem maiores remorsos, na medida em que, sem dúvida, os homens

<sup>18</sup> BOZON, 2004, p. 128

sempre podem se declarar satisfeitos por ter adquirido uma experiência individual qualquer, boa ou ruim, em matéria de sexualidade.<sup>18</sup>

Esse 'ideal da primeira relação' é muito forte entre as meninas pesquisadas. Não se trata, portanto, de valorizar a virgindade por ela mesma e sim de dar especial atenção à primeira relação sexual e a como esse ritual de passagem pode tornar-se público, conforme voltaremos a ver a seguir.

### Tirar e perder a virgindade

Para se referir à primeira relação sexual de uma mulher, os termos utilizados eram "perder a virgindade" ou simplesmente "se perder":

Vitória (13): Eu tenho uma prima que ela *se perdeu*. Antes de ela *se perder*, ela conversou com a mãe dela, o namorado dela. Foi ao ginecologista, tomou remédio.

Pesquisadora: Se perder significa o quê?

<sup>19</sup> Grifos meus.

Vitória: *Perder a virgindade*.<sup>19</sup>

A utilização dessas expressões indica que a primeira relação é vista como um rito de passagem, que implica a perda de uma condição sexual para a aquisição de outra. Sendo a "perda da virgindade" um rito irreversível e não repetível, essa passagem é motivo de grande preocupação para as meninas. A expressão "perder-se" é ainda mais ampla, pois, nesse caso, não expressa apenas a perda de uma condição específica, mas a perda da garota como um todo.

As expressões "perder a virgindade" e "se perder" também eram utilizadas para garotos, apesar de, para eles, a primeira ser mais freqüente. Por outro lado, a expressão "tirar a virgindade" só era utilizada para os meninos, nunca para meninas. Vitória assim contou sobre um casal de amigos que tinham tido suas primeiras relações sexuais um com o outro:

Ele *se perdeu* com a Janaina e a Janaina *se perdeu* com ele. Ele *tirou e perdeu*. Então, para ele, a Janaina é tudo. Eles têm a maior amizade. Eles terminaram. [...] Ele falou que foi a mulher que marcou a vida dele. Ele *ter tirado e ter perdido*. Eu conheço muito isso. Eu tenho mais amizade com homem do que com mulher. Então todos os garotos que eu converso sobre isso, eles sempre falam que é sempre maneiro *tirar a virgindade* de uma garota. Que a garota marca você: que um dia eu pude *tirar a virgindade* de uma garota. Tem muitos garotos que *tiraram a virgindade* e estão com ela até hoje, ou então estão com outras namoradas e gostam muito daquela. Eu acho que isso sempre marca. Por mais que

<sup>20</sup> Grifos meus.

o garoto faça com uma porrada de garotas, sempre a primeira marca ele.<sup>20</sup>

Logo após sua fala, perguntei-lhe se uma garota também não tira a virgindade de um garoto. Primeiramente, ela fez silêncio e uma expressão de espanto. Após alguns segundos, concluiu: “É verdade. Se o garoto for virgem. E os dois forem virgens, vai tirar e vai perder junto com ele. Mas é difícil encontrar um garoto virgem”.

Diante da minha questão, ela acabou concordando que uma garota também poderia tirar a virgindade do garoto. No entanto, essa expressão não era utilizada para meninas. Sua observação de que “é difícil encontrar um garoto virgem” demonstra o quanto minha pergunta soou fora de contexto, referindo-se a uma situação considerada improvável.

### Planejando a prevenção

Com exceção de Paula, todas as outras meninas entrevistadas expressavam, de forma explícita ou não, ainda não terem tido uma relação sexual. Também algumas professoras chegavam a essa constatação. Independentemente disso, o que interessa aqui não é tanto se elas eram virgens ou não, mas como essas garotas referiam-se a isso e idealizavam a sua primeira relação sexual.

Durante uma entrevista, Vitória contou sobre sua prima que, após ter ido ao médico, passara a tomar pílula anticoncepcional e que também usaria camisinha. Já Bruna (14) projetava uma tripla proteção para si: “A primeira vez que eu for transar, ele vai ter que botar [camisinha], eu vou pôr [camisinha feminina] e ainda vou tomar anticoncepcional!”

O uso de camisinha ou de algum método anticoncepcional fazia parte das preocupações das meninas em torno da sua primeira relação sexual. Também os meninos faziam menção ao preservativo: “Eu nunca transei ainda não, mas eu sempre penso de já ter bastante camisinha guardada já”, disse Manfred.

Os/as jovens demonstravam ter incorporado os ensinamentos escolares sobre a necessidade do uso de um preservativo. Se isso resultaria na adoção concreta dessa prática é impossível afirmar, no entanto, no plano discursivo, eles/as manifestavam projetos de adotar uma prática preventiva. A gravidez de Leandra relativiza a possibilidade de uma transformação plena desses discursos em comportamentos concretos. Segundo ela, quando fosse ter sua primeira relação, exigiria o uso da camisinha. No entanto, sua gravidez levanta a possibilidade de que isso talvez não tenha acontecido.

Vemos aqui que, hoje em dia, a entrada na sexualidade adulta é subordinada a uma 'poderosa obrigação de proteção':

A norma contraceptiva acrescentou-se a norma do uso da camisinha desde a primeira relação, iniciada com as campanhas de prevenção da aids e que se impôs em apenas alguns anos. Isso traduz algo mais além do medo da contaminação: a adoção da camisinha no repertório sexual juvenil cria um ritual reconhecido que, diante da incerteza da fase de experiência no início de um relacionamento, organiza e estabelece uma atitude socialmente "responsável" na relação sexual.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> BOZON, 2004, p. 127.

A necessidade de proteção também aparece nos relatos, sendo incentivada pelas mães e, em alguns casos, por médicos, conforme contou Vitória sobre sua prima. Ela aprovou a atitude da prima de envolver a mãe e um médico no planejamento da sua primeira relação sexual, o que teria resultado numa dupla prevenção: o uso do anticoncepcional e do preservativo. Além disso, Vitória acredita que conversar com a mãe ou alguém mais experiente deixa a pessoa "mais à vontade" para enfrentar esse momento.

A mãe também foi citada por duas outras garotas como uma interlocutora que dá conselhos sobre o que deveria anteceder à primeira relação sexual da filha. Os conselhos maternos manifestam uma preocupação em prepará-la e, principalmente, protegê-la para esse momento. Para uma dessas mães, a preparação também consistiria em ir ao ginecologista. A mãe da outra sugeriu à filha a possibilidade de usar um método anticoncepcional no caso de a índole do garoto ser aprovada e de a relação ser estável:

Ela fala que, *se um dia eu tiver que me perder*, é para eu *usar camisinha*. Falar com ela, para ela me levar ao *ginecologista*, *tomar anticoncepcional* (Júlia).

Minha mãe chega assim: quando você for ter, é, *perder sua virgindade*, aí você *se protege direito*. Se for um garoto direito e tiver namorando com ele e tal, se você quiser usar *camisinha* usa camisinha, mas existe *método anticoncepcional* também. Já existem várias coisas para tu evitar a gravidez (Carla, 13).<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Grifos meus.

Mães ou médicos nunca apareceram como mediadores para os meninos. As preocupações maternas giram em torno da proteção da filha, o que envolve o uso da camisinha e principalmente da pílula anticoncepcional. Nota-se que a preocupação com a gravidez parece ser maior do que em relação a doenças, pois a pílula é destacada como opção ao uso do preservativo. Nesse

aspecto, os conselhos maternos se diferem dos escolares. Na escola, os conselhos sobre prevenção prescreviam sempre o uso da camisinha masculina ou feminina e não a pílula anticoncepcional.

Apesar dessas considerações, a mediação da mãe no planejamento da primeira relação sexual é citada por poucas meninas. Também é restrito o acesso a um médico ginecologista, pois isso aparece sempre como dependente da iniciativa materna. Não há nenhuma declaração de intenção de contato médico que independa da mãe, assim como não há referência a médicos entre meninos.

Além disso, todo esse planejamento preventivo está no plano das intenções, pois, com exceção do que teria acontecido com a prima de Vitória, a conversa com a mãe, a ida ao médico, a utilização da camisinha ou de métodos anticoncepcionais são coisas que ainda estão por acontecer. Pode-se dizer que são planejamentos de planejamentos.

### **Idade ideal: meninas aguardam, meninos apressam-se**

De um modo geral, as meninas consideravam ter pouca idade para uma relação sexual. Pâmela concordava com sua mãe que lhe dizia que ela ainda era "muito nova", que devia "esperar um pouco": "Eu também tenho essa consciência de que eu sou muito nova".

As adolescentes não sabiam definir quando deixariam de ser muito novas para ter uma relação sexual e não raro buscavam na professora uma definição nesse sentido. As perguntas "Qual a melhor idade para ter uma relação?" e "Na adolescência, é normal o sexo?!" foram escritas por alunas em dinâmicas que sugeriam o que trabalhar em aula. Outras professoras de outras escolas também citaram a formulação de perguntas semelhantes nas suas instituições.

Essa preocupação não apareceu entre os meninos; só entre as meninas. É como se eles não precisassem aguardar o momento correto, pois, quanto antes essa passagem ocorresse, melhor. Distinguindo-os delas, as meninas comentavam que eles não têm vergonha de falar que não são mais virgens e que inclusive mentem afirmativamente a esse respeito. Diferentemente para uma menina, "não pega mal" um garoto não ser mais virgem. Dizem que isso é "normal". "O engraçado", disse Júlia, "é você encontrar um garoto que ainda seja virgem".

Enquanto as meninas deveriam aguardar e se preservar para o momento correto, os meninos parecem

<sup>23</sup> Elaine BRANDÃO, 2004; CASTRO, ABRAMOVAY e SILVA, 2004; e BOZON e HEILBORN, 2001.

ter de correr contra o tempo para deixarem de ser virgens, 'tornarem-se homens' e serem considerados 'normais'. Percebe-se que a virgindade e o valor dado à primeira relação sexual são marcas de distinção de gênero na nossa cultura, conforme também observado por outras pesquisas.<sup>23</sup>

Manfred contou estar investindo nessa passagem. Disse que ainda não "transou", mas que "quase já chegou lá". A primeira tentativa foi com uma "ficante": "Ai uns três dias depois, a gente resolveu que ia ser, mas aí teve aqueles curiosos que chegaram e atrapalharam. Depois com uma prima, quase foi, mas não foi." Logo depois comenta que sua prima era muito "assanhada", pois "dava em cima de todos os primos". Diante dessas tentativas frustradas, Manfred diz: "Eu estou procurando ainda. Eu sou muito tímido, então eu não chego nas meninas". Durante a entrevista, quando Selena (14) contou que achava que não ia atender ao desejo de sua mãe de que ela casasse virgem, Manfred brincou: "Eu já estou nessa lista, heim?"

<sup>24</sup> BOZON, 2004.

Ao analisar as mudanças contemporâneas na forma pela qual as condutas sexuais são atualmente postas em relação com a temporalidade biográfica, Bozon<sup>24</sup> mostra que, paradoxalmente, há tanto um desaparecimento das fronteiras entre as idades e uma ampliação inaudita de possíveis, quanto uma normalização biográfica da sexualidade:

Por um lado, a atividade sexual não é mais apanágio da pessoa casada, em idade de ter filhos. Houve uma extensão da vida sexual às idades mais baixas, mas também, e, sobretudo, às idades mais elevadas, acrescidas do fato de que as biografias sexuais se desenrolam cada vez menos linearmente em função das idades. Esse processo remete a uma reorganização mais global das idades [...] devido à desestandardização das transições e dos percursos biográficos, ao caráter cada vez mais reversível das passagens [...] ou ao aumento da mobilidade conjugal: a idade do indivíduo prediz cada vez menos seu *status* matrimonial [...] ou seu estilo de atividade sexual e as transformações das condições sociais do envelhecimento ao longo das gerações favoreceram tanto a aspiração como o acesso a uma atividade sexual prolongada.

Mas, por outro lado, observam-se fortes sinais de normalização. A entrada na sexualidade adulta, no sentido de ter vivido a primeira relação sexual, se faz hoje em dia dentro de um intervalo de tempo cada vez mais restrito (dois ou três anos), em torno da idade mediana (17,5 anos). Essa forte sincronização temporal das primeiras experiências em matéria de sexualidade substitui a relativa dispersão dos comportamentos

anteriormente existente. A experiência dos grupos de pares, cujo papel na elaboração das condutas adolescentes e juvenis é extremamente importante, contribui para essa concentração, assim como a massificação escolar, que faz com que as primeiras experiências se concentrem mais para o fim da escolaridade secundária.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> BOZON, 2004, p. 121-122.

O autor ainda pontua que a passagem ao ato entre os rapazes e as moças está muito ligada ao fato de que os membros do grupo de pares a tenham feito, conforme atestam também outras pesquisas. As normas do grupo de pares exercem influência no comportamento sexual de adolescentes, em particular no que se refere à idade da primeira relação sexual.<sup>26</sup> Na escola pesquisada, essa influência dos grupos de pares parecia funcionar, pois a única garota da turma que já teria tido uma experiência sexual era bastante discriminada por seu comportamento.

<sup>26</sup> Sandrine DURAND, 2002.

### A primeira vez deve ser “da lista”

Assim como as preocupações em torno da prevenção e da idade ideal, as atenções em torno de com quem e em que tipo de relação as meninas querem que essa passagem ocorra são intensas. Elas querem ter sua primeira relação sexual com a pessoa ‘certa’, no momento ‘certo’.<sup>27</sup> Bozon e Heilborn também mostram que resistência da mulher e insistência do homem fazem parte de um regime ideal das relações de gêneros, em que a mulher deve saber julgar em que momentos pode acontecer maior intimidade corporal.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Preocupação semelhante foi identificada por Catherine MARRY, 2001, e Flávia RIETH, 1998.

<sup>28</sup> BOZON e HEILBORN, 2001.

Uma das exigências é encontrar alguém de quem ela goste. No entanto, as principais exigências giram em torno do tipo de relacionamento e do garoto:

de repente pode ser com meu *namorado*, o meu *marido*, desde que seja um *cara legal*, que me *entenda*. Um cara que me *compreenda*, que *saiba o que eu passo*, se eu passar por uma dificuldade, a *dificuldade* que eu passo, quais são *os meus problemas*. Um cara que *divida tudo comigo*, um cara que *não queira só fazer sexo* (Vitória).<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Grifos meus.

A fala de Vitória indica alguns critérios que também foram elencados por várias garotas. Elas pretendem que a primeira relação sexual ocorra numa relação estável: para a maioria delas numa relação de namoro, para algumas, ligadas à igreja, após o matrimônio. No entanto, isso, por si só, não é suficiente, pois dentro desse critério está inserido um outro duplo critério temporal referente à durabilidade da relação: ela já deve existir há algum tempo e deveria continuar a existir após o ato sexual. Pode-se dizer que a



<sup>30</sup> BOZON, 2004; BOZON e HEILBORN, 2001.

temporalidade do ingresso na sexualidade adulta é regulada não só pela idade da garota, mas também pela duração e perspectiva futura da relação. Podemos observar aqui algo destacado também em outras pesquisas:<sup>30</sup> a experiência sexual propriamente dita aparece para essas meninas como consequência da consolidação de um vínculo amoroso. Essa questão será exemplificada a partir da conversa entre Bruna e Pâmela, transcrita mais adiante.

Antes disso, cabe ressaltar um outro elemento na fala de Vitória muito recorrente entre as meninas. O garoto com quem desejam ter uma primeira relação sexual deve preencher alguns requisitos que não variam muito de uma garota a outra – com exceção de Paula. Elas nunca falaram sobre qualidades físicas desse garoto, tampouco sobre sua idade e se deveria ou não ter experiência sexual prévia. Poderíamos inferir que elas sonham, não com ‘um príncipe encantado de olhos azuis’, mas com ‘um príncipe’ que goste delas, as valorize, seja compreensível e carinhoso, compartilhe alegrias e dificuldades etc.

Por fim, o ideal da primeira relação sexual aparece sempre como resultado de uma decisão consciente, em que as meninas se vejam “sabendo o que estão fazendo”. Para elas, não é algo que deveria acontecer inesperadamente ou, como disse Bruna, “acontecer por acontecer”. Tudo isso visa a evitar um temível arrependimento. Esse temor de um arrependimento seria uma questão que afeta mais as mulheres do que os homens, pois eles ao menos teriam adquirido experiência.

Todas essas questões são particularmente evidentes num trecho da entrevista entre Paula, Bruna e Pâmela transcrito abaixo. As opiniões e experiências de Paula divergem das de Bruna e Pâmela. Paula contara como fora sua primeira relação sexual: ela tinha 11 anos e o *ficante*, que supostamente teria “virado um namorado constante”, 19 anos. Sua mãe só ficou sabendo depois. A entrevista deixa transparecer uma dúvida sobre se de fato o *ficante* transformara-se em namorado ou se essa observação tinha por objetivo se adequar minimamente às expectativas das amigas em torno de um ideal de primeira relação sexual. Logo a seguir, Bruna e Pâmela contam como gostariam que essa passagem ocorresse com elas:

Bruna: Eu prefiro que seja com o meu *namorado*, mas que *não seja assim um relacionamento recente*, que dure bastante tempo.

Pâmela: *Anos*.

Bruna: Ou seja, que *eu esteja sabendo o que eu estou fazendo, consciente, paciente*. Que seja uma *pessoa legal, compreensiva, carinhosa*, para eu depois *não*

*me arrepender.* Eu acho que a primeira vez é uma coisa muito *da lista* assim.

Pesquisadora: Do quê?

Bruna: Da lista.

Pesquisadora: Da lista? Como assim?

Bruna: *É muito especial.* Colocar na lista aquela pessoa. *Não é bem aconteceu, aconteceu.* É especial. Primeira vez, você lembra: “Olha, eu tive com essa idade. Perdi minha virgindade pequenininha. Ele era muito especial. Ele era carinhoso”. Não sei o quê.

Paula: *Já no meu caso é diferente. Eu faço por fazer, por gostar.* Eu vou morrer mesmo.

Pesquisadora: E você acha que essa primeira vez foi especial?

Paula: Foi especial, porque aí *eu pude aprender* assim.

Bruna: Depois eu acho que quando acontecer comigo, *eu queria continuar com o garoto* e não fazer e ele ir embora e eu nunca mais ver ele. Se não desse mais, tudo bem, mas se continuasse, ia ser uma beleza. Ia ser ótimo, se a gente transasse por bastante tempo, assim. *Continuar um relacionamento normal.*

Pesquisadora: E você, Pâmela?

Pâmela: Eu acho a mesma coisa, tem que *continuar o relacionamento.* Não tem que ser uma vez daquela ali para ficar. Tem que ser com o namorado, com o marido, o noivo. Tem que ser *uma coisa muito elaborada.* Como diz a Bruna, *tem que estar na lista.* Tem que estar no diário, o dia marcado. Aí faz um ano, aí você marca.<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Grifos meus.

Segundo o ideal de Bruna e Pâmela, a primeira relação sexual não deve ser algo que ocorra inesperadamente. Ao contrário, essa passagem deve ser minuciosamente preparada no que diz respeito a com quem ela irá ocorrer, em que tipo de relação e em que momento da relação. Ela deve ser algo ‘muito elaborado’ dentro de um relacionamento considerado ‘normal’. Esses preparativos teriam efeitos que vão além do rito de passagem em si, ficando isso marcado na história de vida dessa garota. A primeira vez, diz Pâmela, “é uma coisa da lista”. É um acontecimento a ser registrado na agenda, de modo a não esquecer a data e comemorar o aniversário.

Paula, por outro lado, discorda de tudo isso, pois considera essa uma “atitude careta” – como definiu noutro momento da entrevista. Ela diz que tem relações sexuais porque gosta e, quando é questionada sobre se sua primeira relação sexual teria sido especial, diz que sim, mas

o motivo é completamente diferente dos levantados pelas colegas. Foi especial pela aprendizagem que aquela passagem lhe proporcionou. Vê-se na fala de Paula atitudes que rompem com representações de feminilidades e com padrões de relacionamento ainda hegemônicos naquele contexto.

### **Intervenção escolar sobre as relações de garotas e garotos**

Por fim, cabe agora se questionar sobre como a escola se refere a esse rito de passagem e, desse modo, como interfere nesse aspecto da vida dos/as jovens.

Para as professoras, de um modo geral, a virgindade deixou de ser algo valorizado entre as meninas. Elas consideram que a virgindade não é mais um valor para elas, que seriam influenciadas pelos pares e teriam a primeira relação sexual por curiosidade, 'para ver como é'. No entanto, esta pesquisa traz conclusões distintas dessas constatações docentes, conforme demonstrado ao longo deste artigo. Conversando com elas, pode-se perceber que, apesar de não valorizarem a virgindade em si mesma, uma intensa atenção é dada à primeira relação sexual. Essa passagem não aparece sendo motivada por curiosidade; elas não pretendem que 'aconteça por acontecer'. Ao contrário, manifestam uma clara vontade de que esse momento seja planejado, "elaborado", "consciente", que ocorra com a "pessoa certa", num determinado tipo de relacionamento e num momento específico da trajetória dessa relação. Por um lado, a valorização da primeira relação sexual e a possibilidade de manterem relações sexuais em um futuro próximo fazem com que o valor da virgindade seja relativizado. Por outro, essa passagem, ainda que pré-marital, está fortemente sujeita a um modelo tradicional que, para as mulheres, vincula sexo ao amor e a um envolvimento afetivo. As idealizações das meninas de considerarem sua primeira relação sexual dentro de um relacionamento amoroso que perdure vão nessa perspectiva.

Desconsiderando isso, as professoras expressam inquietação com uma suposta despreocupação das adolescentes com o ingresso na sexualidade adulta, motivo pelo qual buscam enfatizar a importância de uma relação sexual na vida de um casal e a "responsabilidade" à qual essa passagem deve estar associada. Comentou uma professora:

Para começar a ter a relação sexual é uma coisa que tem que ter muita *responsabilidade*. É o seu corpo. Você tem que ter *responsabilidade* para cuidar da sua saúde

*e de uma vida que você vai colocar aí no mundo sem querer. Então é uma invasão, você tem que permitir ou não. Então não é para qualquer um te tocar, te invadir. Você não vai deixar qualquer pessoa fazer isso. A gente comenta muito isso da responsabilidade.*<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Grifos meus.

Nessa fala, a importância da responsabilidade é destacada diante da necessidade de alguns cuidados a serem adotados: cuidados com a saúde, com uma gravidez não prevista e com a proteção da intimidade. Nesse ponto, seria o caso de dar atenção ao fato que o lugar da chamada 'intimidade', espaço supostamente privado, torna-se objeto de um embate: por um lado, deve ser preservado de 'invasões', enquanto, por outro, é investido por intervenções escolares que visam a alterar suas condutas. A responsabilidade aparece como algo imprescindível para a adoção de uma prática preventiva, no que se refere às doenças, à gravidez e à privacidade. Emerge aqui uma sobreposição entre corpo e intimidade como foco de fortes preocupações preventivas que perpassam todo o trabalho escolar de educação sexual.

Algumas atividades desenvolvidas no NAM podem ser citadas como exemplos de práticas que tinham a clara intenção de desenvolver entre o grupo um sentido de responsabilidade em torno das relações sexuais. Para isso, retomo o debate, descrito no início deste artigo, sobre o "tipo de mulher que abre as pernas para qualquer um". Questão central nesse debate era se seria ou não adequado um casal ter relações sexuais logo no primeiro dia em que se conhecessem. Os/as estudantes reconheciam que havia casos em que isso acontecia. Uma garota expressou não considerar inadequado esse comportamento, pois se tivesse "rolado uma atração muito grande entre os dois" poderiam dormir juntos já no primeiro encontro.

Essa opinião, no entanto, não era partilhada pela professora. Sua mensagem final em torno desse debate foi de que, antes de uma relação sexual, as pessoas deveriam conversar, se conhecer melhor, o que inclusive facilitaria o uso da camisinha. Também em outros momentos, o uso do preservativo aparecia como dependente de uma negociação que passaria por uma suposta conversa. A necessidade de usá-lo era apresentada dentro de uma relação ideal e não considerando as diversas possibilidades de relação entre duas pessoas. Mais do que prescrever o uso do preservativo, prescrevia-se um tipo de relação: heterossexual e com algumas etapas a serem seguidas. Assim, a importância da camisinha era destacada sempre dentro de um padrão idealizado de relacionamento e não dentro de relacionamentos sexuais de um modo geral, independentemente de quais fossem suas características

e configurações. Outras formas de relacionamento eram, direta ou indiretamente, desvalorizadas ou, no mínimo, não consideradas.

O debate não era guiado, por exemplo, no sentido de 'como um casal, que se conhece em um baile funk e acaba transando na mesma noite, usa camisinha'. O curso do debate era de que esse casal não deve transar já na primeira noite, mas esperar, se conhecer melhor e só então ter relações sexuais usando camisinha. Além disso, o casal que aparecia nessas situações era sempre de um garoto e uma garota, ou seja, heterossexual. Não eram construídas situações com relações homossexuais nas quais a camisinha deveria ser usada. Percebe-se aqui que não há lugar no currículo para a idéia de diversidade sexual ou de gênero.<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Guacira Lopes LOURO, 2004.

Além disso, esse modo de divulgação do uso da camisinha pressupõe racionalização e controle da relação, o qual não era relacionado ao inesperado ou até mesmo ao descontrole. Essa expectativa de controle subjacente à prática educativa parece pouco condizente com a realidade, conforme têm atestado vários estudos.<sup>34</sup> Na cultura brasileira, a sexualidade masculina hegemônica é freqüentemente associada ao descontrole e racionalizar os 'impulsos sexuais' acaba sendo visto como não condizente com a virilidade. A fala do aluno Manfred, "Na hora a gente não pensa em nada, só pensa em transar, transar, transar!", é exemplar nesse sentido.

<sup>34</sup> SALEM, 2004; CABRAL, 2002, entre outros

Mensagem semelhante à descrita anteriormente foi transmitida através da exposição de um vídeo, intitulado *A primeira vez*. O vídeo trazia a história de um casal de adolescentes que, após terem se conhecido e "ficado" em uma festa, marcavam um novo encontro. O garoto conversava com seu amigo em uma academia de ginástica sobre suas expectativas e inseguranças em relação ao próximo encontro e a garota fazia o mesmo em casa com uma amiga. Ela pedia ao garoto para saírem juntos de motocicleta e dividia com a amiga seu sonho de ter sua primeira relação com ele. Apesar desse desejo, estava insegura sobre o encontro, o que era acrescido pelo fato de estar menstruada. Insegurança semelhante era vivenciada pelo garoto, que expressava sua dúvida sobre se ela iria aceitar sair com ele, se queria transar ou não, se a relação daria certo, como seria colocar a camisinha etc. O amigo dava-lhe apoio, incentivava-o a usar o preservativo, pois só assim estaria se protegendo de doenças e de uma gravidez. Além disso, sugeria que praticasse em casa como colocá-la, já antes do encontro. Quando o garoto batia na porta da casa da garota, as dúvidas e inseguranças de ambos permaneciam e uma

discussão os levava a praticamente desistir do encontro. Decidiam, então, simplesmente tomar um sorvete na praça, até onde iam caminhando, e não de moto. Ao final, felizes, combinavam ir ao cinema no sábado.

Esse vídeo foi transmitido em dois momentos. Em ambas as ocasiões as reações foram semelhantes. Ficaram decepcionados, pois aquilo que o título do vídeo anunciava não chegara a acontecer: o casal não teve sua 'primeira vez', ou seja, sua primeira relação sexual. Além disso, comentaram que o garoto era "muito esquisito". Consideraram estranhas suas dúvidas e inseguranças. Elas seriam inadequadas para um homem, a ponto de terem dito que ele era afeminado. Entre outros comentários feitos sobre o filme, o que gostaria de destacar aqui é que a professora buscou transformar a decepção dos/as adolescentes com o filme em uma mensagem semelhante à transmitida a partir do debate supracitado. "A primeira vez", à qual o título se refere, seria "a primeira vez que saem juntos", o primeiro encontro, quando ainda não estão preparados para uma relação sexual. Perguntou: "É no primeiro encontro que é para acontecer?", e ela mesma respondeu: "Não, é para conhecer melhor primeiro."

Nesse exemplo, vê-se novamente a prescrição de um tipo de relacionamento 'etapista'. Na medida em que os/as docentes imaginam os/as jovens irresponsáveis, despreocupados com a primeira relação sexual, ingressando na sexualidade adulta precocemente, buscam intervir nas suas relações, a fim de torná-los responsáveis, adiando essa passagem. O uso de algum preservativo ou algum outro método anticoncepcional seria inserido dentro desse padrão ideal de relação. Entretanto, na medida em que as relações entre as pessoas não seguem sempre esse curso, a prescrição do preservativo perde efeito, uma vez que ela não é pensada, discutida ou problematizada dentro de outras formas de relacionamento.

### Considerações finais

Este artigo demonstra que a primeira relação sexual, experiência pela qual a maioria dos/as entrevistados/as ainda não tinha passado, era motivo de grande atenção, a qual era distinta para meninas e meninos. Mesmo considerando os limites desta pesquisa, que entrevistou um número menor de garotos, percebeu-se que eles não construíam grandes expectativas em torno dessa experiência, mas se mostravam ansiosos de que essa passagem ocorresse o quanto antes. Por outro lado, a maioria das meninas planejava como gostaria de vivenciar esse importante momento nas suas vidas. Seus critérios de

planejamento eram de ordem temporal, além de dizerem respeito ao garoto e ao tipo de relação que teriam com ele. Resumindo, ele deveria ser atencioso e compreensivo para com ela, a relação deveria ser preferencialmente de namoro, já durar algum tempo e perdurar após a relação sexual. Apesar de não saberem definir a idade ideal, ainda se consideravam muito novas para isso. Por fim, a primeira relação sexual deveria ser um ato consciente e planejado, para o qual o preservativo e, em alguns casos, também a pílula anticoncepcional eram indispensáveis. Garotos também faziam referência ao projeto de usar camisinha. Nota-se que, no plano discursivo, as/os jovens incorporaram os ensinamentos escolares sobre a necessidade do preservativo.

Aliadas ao esclarecimento, e através dele, as intervenções escolares buscavam desenvolver um sentido de 'responsabilidade' em torno das relações sexuais, procurando mudar ou adequar os dispositivos que estruturam os comportamentos preventivos. Para isso, além de recomendar o uso do preservativo para uma prática de sexo seguro, acabava-se aconselhando um determinado modelo de relacionamento no qual a relação sexual deveria ocorrer. O preservativo não era pensado e aconselhado para múltiplas formas de relação sexual entre jovens, independentemente da sua durabilidade, orientação sexual, entre outros aspectos. Além disso, o modo de focá-lo pressupunha uma racionalização e previsibilidade das relações que, na prática, pareciam nem sempre ocorrer. Esse modo de focar a questão pode estar limitando os efeitos que essa ação educativa pretende atingir.

Além disso, acaba-se criando ideais de relação sobre os quais a escola intervém. Deixa-se, assim, de reconhecer outras formas e manifestação da sexualidade, como homossexual, em relações esporádicas, numa faixa etária mais baixa, entre outras. Novamente, o não-reconhecimento da sexualidade adolescente pode estar limitando a eficácia das práticas educativas, na medida em que distancia esses/as jovens do uso de preservativos ou de métodos anticoncepcionais. Sem o reconhecimento social – e escolar – das diversas formas de jovens relacionarem-se sexualmente, a transmissão de informações pode ter um impacto limitado nas suas vidas. A não-legitimidade de determinadas formas de relação pode dificultar-lhes o acesso a informação e a preservativos, assim como intervir negativamente na sua utilização.

## Referências bibliográficas

- ALTMANN, Helena. "Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais". *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.
- \_\_\_\_\_. "Orientação sexual em uma escola: recortes de corpo e de gênero". *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v. 21, p. 281-315, 2003.
- AMBIENTE EM REDE: informativo do Projeto Educação Ambiental e Saúde. Rio de Janeiro: SME, A. 2, n. 3, jul./ago. 2002.
- AQUINO, Stela; HEILBORN, Maria Luiza; KNAUTH, Daniela; BOZON, Michel; ALMEIDA, Maria da Conceição; ARAÚJO, Jenny; MENEZES, Greice. "Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais". *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro: ENSP, v. 19, s. 2, p. S377-S388, 2003.
- BOZON, Michel. "A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência a experiências íntimas". In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 119-153.
- BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. "As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris". *Novos Estudos CEBRAP*, n. 59, p. 111-135, 2001.
- BRANDÃO, Elaine R. "Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil". In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 63-86. (Coleção Família, geração e cultura).
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CABRAL, Cristiane da Silva. *Novos pais, jovens pais: vicissitudes da paternidade entre jovens de uma comunidade favelada do município do Rio de Janeiro*. 2002. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO, MEC, Coordenação Nacional de SDT/Aids, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Ayrton Senna, 2004.
- DURAND, Sandrine. "Accès à la contraception et recours à l'IVG chez les jeunes femmes". In: BAJOS, Nathalie ; FERRAND, Michèle. (Dir.). *De la contraception à l'avortement: sociologie des grossesses non prévues*. Paris: Inserm, 2002. p. 249-302.



- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARRY, Catherine. "Filles et garçons à l'école: du discours muet aux controverses des années 1990". In: LAUFFER, Jacqueline; MARRY, Catherine ; MARUANI, Margaret (Dirs.). *Masculin-feminin: questions pour les sciences de l'homme*. Paris: PUF, 2001. p. 25-41.
- RIETH, Flávia. "Ficar e namorar". In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloisa B. de. (Orgs.). *Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Ed. 34, 1998. p. 111-134.
- SALEM, Tania. "Homem... já viu, né?": representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular". In: HEILBORN, Maria Luíza (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 119-153.
- SUWWAN, Leila. "Aluno de 10 anos receberá educação sexual, afirma nova política federal". *Folha de São Paulo*, 16 mar. 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1603200501.htm>. Acesso em: 3 abr. 2005.
- VILLELA, Wilza V.; BARBOSA, Regina M. "Repensando as relações entre gênero e sexualidade". In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina M. (Orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, ABIA, IMS/UERJ, 1996. p. 189-199.

[Recebido em junho de 2006  
e aceito para publicação em dezembro de 2006]

***Sex Education and First Sexual Relation: Between Expectation and Prescriptions***

**Abstract:** *This article is based on an ethnographic research carried out at a public school in Rio de Janeiro, from August 2002 to July 2003. It analyzes how girls idealize their first sexual intercourse and how the school refers to this aspect of the adolescents' life and intervenes in it. This phase is accompanied with a series of concerns and plans, especially for the girls, who demonstrate to ascribe less value to virginity than to their first sexual intercourse. On the level of explicit intentions, they reproduce school teachings that prescribe not only the use of preservatives, but also a certain ideal type of relationship between boys and girls. Thus, certain limitations of school intervention are perceived.*

**Key words:** *Sexuality; Gender; School; Sexual Education; Adolescence.*